



Boletim Mensal Informativo

Nossa Senhora da Penha de França

Março 2021, nº1

NOVOS TEMPOS NOVOS MEIOS

Nesta altura, certamente, estamos todos a sentir falta do encontro, da presença e do contato com os nossos familiares, amigos e vizinhos, que direta ou indiretamente fazem parte da nossa vida quotidiana e espiritual. E é bom sentirmos essa falta, no entanto, não nos resignemos nem nos habituemos a este distanciamento forçado e desumano, porém, necessário.

A relação é uma parte essencial e importante do nosso ser, faz parte de nós, assim como a essência da nossa fé é a comunhão, a assembleia em oração.

No confinamento os meios digitais tornaram-se uma janela de oportunidade que nos permitiram e ajudaram a não perder totalmente o vínculo com a comunidade paroquial. É verdade que não substitui de todo a participação presencial, mas

providenciou uma forma de estarmos mais próximos e de continuarmos a alimentar a nossa fé.

Neste sentido, a paróquia tem explorado e descoberto novas vias de forma a facilitar e aumentar a comunicação com os seus paroquianos.

É com muito gosto que lançamos este novo boletim paroquial, com edição mensal, onde iremos publicar e disponibilizar artigos de diversos temas mas também informações importantes do dia a dia da paróquia.

Também criamos um canal YouTube onde teremos mais fácil acesso aos conteúdos atuais e passados publicados nos diversos meios.

Pd. Gonzalo Giron

O Deserto

A imagem que fazemos de um deserto é, em geral, a de aridez, privação, vazio, solidão, desconforto, seja pela ausência de água e alimento, seja pelas temperaturas extremas, ou pelas condições agrestes a que se fica sujeito.



É importante ter presente, neste contexto, que Jesus sempre que queria rezar isolava-se das multidões, muitas vezes refugiando-se no deserto. Antes do início da Sua vida pública, aliás, passou 40 dias no deserto.

Curiosamente, nas Sagradas Escrituras o número 40 aparece múltiplas vezes, sempre associado à ideia de conversão – i) o povo de Israel deambulou durante 40 anos no deserto, depois de terem sido libertados da escravidão e antes de chegarem à Terra Santa, onde por diversas vezes caíram em tentação; ii) o já mencionado jejum de 40 dias que Jesus viveu no deserto, para se preparar para a vida pública, onde venceu as tentações; iii) arriscaria dizer também que terão decorrido 40 horas entre o momento da morte de Jesus na cruz e a Sua primeira aparição pós-ressurreição, às primeiras horas da manhã do terceiro dia, a Maria Madalena; iv) e, claro, os 40 dias durante os quais Jesus apareceu aos assustados Apóstolos, entre a Sua ressurreição e a Sua Ascensão ao Céu, que constituíram o momento das suas verdadeiras conversões.

Por tudo isto acho compreensível e não casual, que o tempo de quaresma sejam 40 dias. Como também faz todo o sentido que a este período se associe a ideia de uma travessia do deserto, no sentido da conversão.

Na linguagem bíblica, deserto tem essencialmente este sentido. É um lugar de passagem, de provação, uma terra estéril, onde o povo de Israel teve de se purificar antes de chegar à Terra Prometida. Em simultâneo, é um lugar onde Deus manifesta o Seu amor infinito e concede uma imensidão de graças, alimentando o povo com Maná caído do céu e água que jorra da rocha, trabalhando a conversão daqueles corações endurecidos. Às infidelidades do homem, Deus responde com abundante perdão.

As graças são surpreendentes: os anjos serviram Jesus durante o seu jejum no deserto. João Baptista viveu e proclamou no deserto a chegada do Messias, mas na eminente revelação de Jesus, atinge o seu objetivo, batizando com a água do rio Jordão os pecadores arrependidos.

O deserto aparece, assim, como lugar de transição, de mudança de vida. Por comparação, usamos muitas vezes a ideia de deserto para descrever estados de alma, quando atravessamos, uma vez ou outra, momentos em que nos sentimos vazios, de ideias ou de sentimentos, com falta de amigos ou companhia, sem definição nos nossos objetivos, ou simplesmente porque não obtemos resposta para qualquer coisa, predominando um silêncio interior incómodo. Para os católicos, o deserto é claramente o nosso distanciamento de Deus, seja pelas nossas infidelidades, seja porque emocionalmente não O sentimos.

Santo Antão, Santa Teresa de Jesus, ou Santa Teresa de Calcutá, são apenas 3 bons exemplos de santos que experimentaram nas suas extraordinárias vidas, largos períodos passados em verdadeiros desertos. Apesar de manterem a sua obediência e perseverarem no caminho para Deus, interiormente experimentaram longos períodos vazios de emoções. Muito do que fizeram foi com a sensação de ausência e abandono de Deus. Sem emoções (aquele calor que nos inflama o peito quando sentimos que Deus está próximo), apenas a razão os determinou a prosseguir no caminho da fé. Este deserto interior, à semelhança do deserto da história da salvação, é um caminho de conversão que alguns são convidados a viver. Tal como no deserto, esta ausência de Deus representa, para os que perseveram, o verdadeiro caminho da santidade.

É fundamental tomarmos consciência e entender que, para chegar a Deus, é sempre necessário atravessar o deserto.

Esta época presente que vivemos é, claramente, um deserto que fomos convidados a passar, com resignação, determinação e fé, que devemos associar a mais esta quaresma de clausura, de distanciamento de Jesus Sacramentado, de “ausência” ou “vazio” de Deus, oferecendo-Lhe todo o sofrimento resultante da doença, da

pobreza, da privação de tantas coisas que sempre fizeram parte do nosso dia a dia, do distanciamento dos nossos irmãos e das coisas de que gostamos. Mantenhamo-nos unidos espiritualmente em fé e oração constante, oferecendo tudo pela nossa conversão e pela conversão do mundo, na esperança certa de que a história se repete - atravessado o deserto, chegaremos à Terra Prometida.

Por Luís Morais Barosa, um paroquiano

Temos medo do quê?



Temos medo de quê? Questiono-me muitas vezes, como cristão, do que temos medo quando fugimos a tantos temas. Teremos medo da possibilidade de admitirmos que não sabemos tudo? Teremos medo da nossa melhor resposta ser o silêncio? Teremos medo de não sermos assim tão cristãos?

Temos medo de quê, quando fugimos daqueles que achamos que não têm uma vida “digna”?

Teremos medo de aceitar que também eles são filhos e filhas de Deus?

Teremos medo de aceitar que também eles são merecedores da Sua misericórdia? Teremos medo de não sermos ninguém para julgar ou condenar?

Temos medo de quê, quando as palavras que os outros usam para falar dEle são diferentes das nossas? Teremos pavor da possibilidade de existir outras formas de amar? Teremos receio de que a religiosidade seja apenas uma forma de mascarar a nossa falsidade? Teremos medo de que a nossa relação não seja tão próxima com Aquele que nos sustenta? Teremos medo de que o amor conte muito mais do que a doutrina?

Temos medo de quê, quando os outros nos mostram um Deus que não está preocupado em medir vidas ou pecados? Teremos medo de que Ele nos perdoe mais e melhor do que nós alguma vez conseguiremos ou imaginaríamos? Teremos medo de que este Deus seja mais humano, e por isso divino, do que milagreiro ou castigador? Teremos receio de que as dúvidas nos retirem a Sua presença?

Temos medo de quê, quando fugimos das diferentes visões que existem sobre este Deus? Teremos receio que isso nos abale? Teremos medo de que isto da fé não seja somente uma segurança? Teremos medo que as imagens que temos sobre Deus estejam erradas? Teremos medo de que a Sua revelação não seja linear?

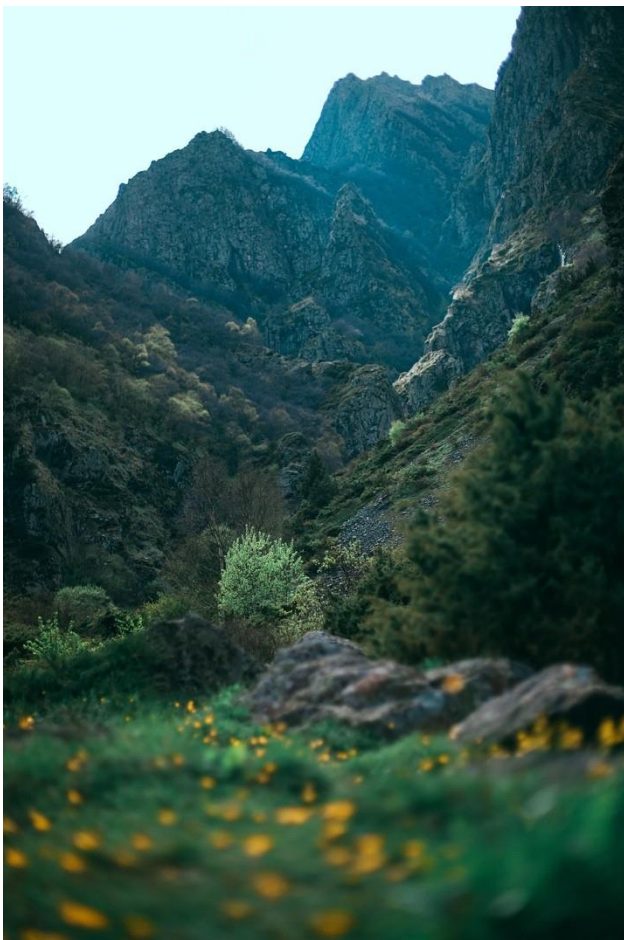
Não sei do que temos medo, mas sei que não podemos continuar a fugir. Sei que não podemos continuar a guardar-nos dentro da

igreja ou dos rituais vazios e decorados. Sei que não podemos senão olhar para o outro com verdadeiro amor e deixar que cada um, na sua simplicidade e humildade, se possa encontrar com este Deus independentemente da sua condição.

Não sei do que temos medo, mas espero que não tenhamos medo da possibilidade de Ele amar tudo e todos e permitir que voltemos sempre à Sua presença!

Fonte: Imisso, por Emanuel António Dias

Quaresma: Tempo de descanso, silêncio e encontro



Sou daqueles que se emociona com histórias humanas. Umas com finais felizes, outras nem tanto. Contudo, todas, se são bem escutadas, têm o efeito de abrir à conversão. A vida não é coisa pouca, não pode ser. Daí que de vez em quando é necessário viver o tempo que nos

permita parar e fazer o balanço da história pessoal, para também perceber onde nos perdemos ou podemos estar a perder de nós mesmos.

A rapidez dos tempos atuais faz com que tudo passe a tal velocidade que facilmente as coisas podem resumir-se ao «trabalho – casa» ou «laudes – vésperas», deixando os dias diluírem-se na monotonia. Não dá para viver sempre o extraordinário, mas de vez em quando os seus impulsos ajudam a dar sentido ao quotidiano. Parece-me que tempos que saem do comum, como a Quaresma, são ideais para parar ou descansar, permitindo o silêncio que leva ao encontro. Como proposta, detenho-me nestes três pontos: descanso, silêncio e encontro.

O DESCANSO QUE PERMITE O SILÊNCIO

Morando numa cidade grande, é fácil ver o ritmo frenético com que se vive. Mesmo que o próximo metro venha apenas dois minutos depois daquele que está na estação, são muitas as pessoas

a correr até ele como se já não houvesse mais nenhum a passar o resto do mês.

A vida, depois, passa também muito rapidamente e quando nos obriga a parar apercebemo-nos de que, ao longo dos dias, fomos perdendo

o essencial. Então, porque não começar por aproveitar verdadeiramente o descanso? Este tempo pode ser aquele que nos faz respirar e também «amar a nós mesmos», como nos recorda o mandamento. O descanso é uma necessidade. Desde o famoso descanso ao sétimo dia, passando pelo texto de Qohelet que recorda o «há tempo para tudo», junto com a passagem em que Jesus convida os discípulos a descansar (MC 6, 31), podemos tomar consciência da importância destes momentos.

Há muitas pessoas que têm cada vez menos tempo para si. Podemos dizer que é o ritmo da vida, mas do pequeno ao maior cansaço, ele vai entrando. Pouco a pouco, passa do nível físico ao emocional, depois ao social e, claro, ao espiritual. E é aí que pode entrar o extraordinário e a criatividade, impedindo o cansaço de se apoderar da nossa vida. Às vezes basta ir ao básico e começar por olhar a semana que entra, programando as coisas de forma a eliminar o que impede de ter esse tempo que ajuda a tomar consciência que somos humanos e não máquinas produtivas de algo. E depois de eliminar, perceber o que há a fazer para tornar esse descanso momento de silêncio.

O SILÊNCIO HABITADO DA EXISTÊNCIA

O silêncio é muitas vezes relacionado como ausência de som. No entanto, pode ser de movimento ou de ações. Conseguir fazer silêncio, algo por vezes difícil, mas que se aprende, faz com que se possa digerir ou tomar consciência do que somos chamados a fazer ou viver perante os acontecimentos da vida. Há silêncios vazios e há os que são habitados de densidade de existência, que não necessitam justificar que se é alguém a partir do fazer coisas, muitas coisas.

O silêncio habitado, ora da história pessoal visitada sem culpabilizações, sem vergonha, sem medos, ora de compreensão para viver humanamente essa existência, ajuda a ir ao essencial. Percebe-se que diante de Deus não há necessidade de provar que se é bom aluno ou bom professor, boa mãe ou bom pai, boa mulher ou bom marido, bom padre ou boa religiosa, mas de viver a riqueza da aprendizagem e a beleza das relações, permitindo o crescimento humano. Nesse silêncio, depois de agradecer a vida, em atitude de crescimento, pode-se ver onde houve erros nas palavras, nos atos ou nas omissões, onde houve a falha que levou à desumanização do entorno.

O ENCONTRO QUE HUMANIZA

Nós somos chamados a humanizar, a ser cocriadores com e em Deus. O descanso e o silêncio bem vividos recordam-nos a vocação do encontro, por também sermos em relação.

O encontro estabelecido com muitas ramificações, mais ou menos fortes e simbólicas, com maior ou menor sentido, entre pessoas, pensamentos, linguagens, culturas, modos de ver e sentir, convida-nos a viver, ou pelo menos perceber, outras perspetivas da realidade, saindo, assim, do perigo de absolutizar o meu querer e interesse.

O encontro inevitavelmente leva à conversão, abrindo as portas de novos mundos. Ao vivermos a plenitude de nós, nos limites e nas capacidades, em especial nas relações, nesse reconhecimento de cocriação, renovamos o olhar para a vontade divina, fazendo caminho de pacificação entre nós próprios e entre aqueles que nos acompanham.

NO FINAL? A RESSURREIÇÃO

Sou daqueles que se emocionam com histórias humanas, em filmes ou conversas. Bem escutadas, levam a parar e fazer silêncio, nesse

encontro que convida à conversão, impedindo o diluirmo-nos na monotonia ou fecharmo-nos no nosso pequeno mundo. A Quaresma bem vivida apresenta uma nova oportunidade de fazer caminho onde, entre o «trabalho – casa» ou «laudes – vésperas», há tanto de Deus a acontecer, deixando-nos encontrar e ser amados

por Ele. Nesse impulso, o quotidiano ganhará arejo, dando-nos mais alento e disponibilidade para mais amar e servir quem nos é confiado. Aí, tocaremos Ressurreição.

Paulo Duarte, sj

(In Mensageiro do Coração de Jesus)

No mês de março destacamos as seguintes comemorações:

08/03 – São João de Deus

19/03 – São José – Dia do Pai

21/03 – São Bento

25/03 – Anunciação do Anjo a Nossa Senhora e São Dimas (o bom ladrão)

28/03 – Domingo de Ramos – início da Semana Santa

HISTÓRIA DE SÃO JOSÉ - Homem justo

São José era descrito como o cuidadoso guardião de Jesus

Dia 19-Março



São José é descendente da casa real de Davi. É o esposo da Virgem Maria e pai adotivo de Jesus Cristo. Nos Evangelhos ele aparece na infância

de Jesus. Pode ver-se as citações nos livros de Mateus Capítulos 1 e 2, e em Lucas 1 e 2. Na Bíblia, São José é apresentado como um justo. Mateus, no seu Evangelho, descreve a história sob o ponto de vista de José. Já Lucas narra o tempo de infância do menino Jesus contando com a presença de José.

São José estava noivo de Maria e, ao saber que ela estava grávida, decidiu abandoná-la, pois o

filho não era dele. Ele pensa em abandoná-la para que ela não fosse punida com a morte por apedrejamento.

No entanto teve um sonho com um anjo que lhe disse que Maria ficou grávida pela ação do Espírito Santo, e que o menino que iria nascer era **Filho de Deus**. Então, José aceitou Maria como esposa. Perto do tempo previsto do nascimento de Jesus, por um decreto romano eles partiram para Belém para o recenseamento. Lá, Maria deu à luz o Menino Jesus, e José esteve presente no nascimento.

O anjo, porém, deu novo aviso a José, em sonho. Com efeito, o anjo avisou a José que Herodes queria matar o menino Jesus. Mandou-o fugir e levar o menino e sua mãe para o Egito. José obedeceu. Assim, a sagrada família foi para o Egito e viveram lá durante quatro anos. Após este tempo, o anjo avisou novamente José em sonhos, dizendo que eles poderiam voltar para Nazaré porque Herodes tinha morrido. José obedeceu e levou a Sagrada Família novamente para Israel.

São José devotou a sua vida aos cuidados de Jesus e Maria. Vivendo do trabalho de suas mãos, como carpinteiro, sustentou a sua família com dignidade e exemplo.

José era um judeu religioso e praticante. Ele consagrou o menino Jesus no Templo, logo depois que o menino nasceu. Este ato só era praticado na época por judeus piedosos.

São José levava a sua família regularmente às peregrinações do seu povo em Jerusalém, como, por exemplo, na Páscoa. Foi numa dessas peregrinações em que, no regresso a Nazaré, o menino Jesus ficou em Jerusalém conversando com os doutores da lei. O menino tinha, então, doze anos. José e Maria, aflitos, voltam ao templo e encontram o menino Jesus debatendo com os doutores da lei. Nesta ocasião, Jesus afirma que “**Tinha que cuidar das coisas de seu pai**”. Esta é a última vez que José é mencionado nas **Sagradas Escrituras**. Todos

os indícios levam a crer que José faleceu antes de Jesus começar sua vida pública. Caso contrário, ele certamente teria sido mencionado pelos evangelistas, como o foi Maria.

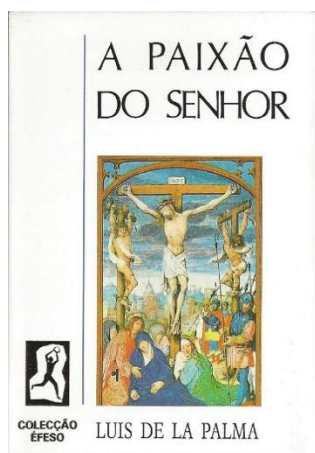
São José teve um papel importantíssimo na formação da personalidade de Jesus enquanto pessoa humana. Jesus é o Filho de Deus, mas se analisarmos o comportamento de Jesus do ponto de vista humano, veremos que ele (Jesus) foi um menino e um homem que teve um pai presente, piedoso e influente. Um pai que ensinou ao filho o caminho da justiça, da verdade, do amor e do conhecimento da Palavra de Deus. Não é à toa que São José é chamado de “Justo” desde os Evangelhos. Por isso, São José é um dos maiores santos de todos os tempos.

São José foi inserido no calendário litúrgico Romano em 1479. A sua festa é celebrada no dia 19 de março. No ano de 1870, São José foi declarado oficialmente como o Patrono Universal da Igreja, pelo Papa Pio IX. O Papa Bento XV declarou São José como o **patrono da justiça social**, para ressaltar a grande qualidade e poder de intercessão de São José como “trabalhador”. O Papa Pio XII instituiu uma segunda festa em homenagem a ele, a festa de “São José operário”. Esta, acontece no primeiro dia de maio.

São José é, sem dúvida, um dos santos mais importantes da Igreja. Ele é invocado como o santo que intercede a Deus por todas as nossas necessidades. São José tem, diante de Deus, privilégios únicos. O grande Doutor da Igreja **Santo Agostinho** compara os outros santos às estrelas, mas, São José, é comparado ao Sol. A ele, Deus confiou suas riquezas: Jesus e Maria.

Fonte: Cruz Terra Santa – História de São José

Sugestões do mês



Proposta de Leitura

“A Paixão do Senhor”, de Luis de la Palma

A Paixão do Senhor é um clássico da espiritualidade cristã, escrito no séc. XVII pelo Padre Jesuíta Luis de la Palma (1560 e 1641), descrevendo com grande realismo e profundidade os momentos da Paixão de Jesus Cristo e fundamentando a Sua dimensão Humana e Divina na redenção do homem.

Proposta de Música

“The Lord of the Rings – The Shire”

“O Senhor dos Anéis” é uma obra literária e cinematográfica com uma dimensão e profundidades poucas vezes alcançadas. À grandeza desta obra foi acrescentada uma banda sonora igualmente extraordinária. A obra musical completa, composta por Howard Shore, abrange 10 horas de música em forma de ópera que cobre a totalidade da série de filmes. Executado pela London Philharmonic Orchestra e pela London Voices, com cerca de 400 músicos no total. O trecho, cujo link se disponibiliza, corresponde a seis horas retirados da série “The Lord of the Rings - The Shire”

<https://www.youtube.com/channel/UCfR8HhkbpDAwvYxrecNg4Mg>



Proposta de Visita

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça

Proponho mais uma visita virtual, para tempos de confinamento. O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, construído no séc. XII, obra ímpar que faz parte dos nossos muitos tesouros arquitetônicos, está presentemente a ser objeto de uma intervenção no mínimo discutível, no que respeita à preservação das suas características originais. Graças a uma parceria feita entre a Google Arts & Culture e o Mosteiro de Alcobaça, é possível conhecer, com grande realismo e qualidade, esta jóia da arquitetura portuguesa, antes que seja desvirtuada.

<https://artsandculture.google.com/partner/alcoba%C3%A7a-monastery>



OBRAS NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA!

A fachada Norte da nossa igreja precisa de ser restaurada. Precisamos da sua contribuição monetária para realizar esta obra.

**Contamos consigo.
Toda a ajuda, faz a diferença!**

IBAN DA PARÓQUIA

PT50 0018 0000 0069 1811 0014 2

Para mais informações: paroquianspenhafranca@gmail.com

Sintoniza-te e partilha connosco:

<http://www.paroquiapenhadefranca.com>

Gostaria de receber a newsletter? Registe o seu endereço de e-mail no site.



Facebook: Paróquia Nossa Senhora da Penha de França



Instagram: ppenhafranca



Youtube: Paroquia Nossa Senhora da Penha de França



E-mail: paroquianspenhafranca@gmail.com